

# O Homem Sem Sorte

Quem não é carinhoso com as outras pessoas e depois diz que não tem amigos, poderá lamentar-se que não tem sorte?

Quem come muitos doces e fica doente, poderá lamentar-se que não tem sorte?

Quem anda na estrada com velocidade excessiva e tem frequentemente acidentes, poderá lamentar-se que não tem sorte?

Quem chega muitas vezes tarde ao trabalho e é despedido, poderá lamentar-se que não tem sorte?

Quem não lava os dentes e depois tem que ir muitas vezes ao dentista, poderá lamentar-se que não tem sorte?

Quem não estuda e depois não aprende como os colegas, poderá lamentar-se que não tem sorte?

Foi com estas questões que o professor bibliotecário iniciou a atividade “Hora do conto e outras leituras”, realizada na biblioteca da escola EB1/JI de Pias e que envolveu os alunos das turmas P2A, P3A e P4A e respetivos professores: Francisco Pereira, Rosa Lourenço e Nídia Martins.



Durante esta atividade, foi explorado o conto “O Homem sem Sorte”.

O Homem sem Sorte queixava-se da sua total falta de sorte, o que não acontecia nem com os seus pais, nem com os seus irmãos. Para obter uma explicação para a sua falta de sorte ele resolveu ir até ao fim do mundo, para falar com o Criador.



Iniciou, assim, uma longa viagem rumo ao fim do mundo. Durante essa viagem, o homem sem sorte vai encontrando várias personagens e, sem se aperceber, foi desperdiçando sempre a sua sorte. Nem depois da explicação do Criador de que “a tua sorte está no mundo, basta ficares atento para perceberes o momento certo e apanhá-la!”, ele se conseguiu aperceber dos seus erros.

Foi desta maneira que o homem sem sorte foi desperdiçando todas as oportunidades que a vida lhe deu para ser feliz: perdeu uma companheira; perdeu um tesouro e perdeu a própria vida!

Na vida, nós também fazemos a nossa sorte!

Espero que as crianças tenham guardado na sua memória a mensagem desta história e que, ao longo da sua vida, tenham a capacidade de aproveitar as oportunidades que, certamente, a vida lhes dará. Que um dia, no futuro, não digam que são “Homens sem sorte”, como o desta história.

O professor bibliotecário  
Fernando Magalhães